

A MULHER MILITAR NA MARINHA DO BRASIL

ARMANDO DE SENNA **BITTENCOURT**¹
Vice-Almirante (Ref^o -EN)

SUMÁRIO

Introdução
A mulher na Marinha do Brasil
A mulher militar no mundo
Conclusão – desafios e perspectivas

INTRODUÇÃO

Em 2010, comemoraram-se os 30 anos do início da carreira da mulher militar nas Forças Armadas brasileiras. A Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM) realizou uma exposição sobre o tema no Espaço Cultural da Marinha, no Rio de Janeiro, e promoveu, com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), um simpósio sobre

“A Mulher Militar nas Forças Armadas”, em um auditório dessa instituição.

Tudo começou em 1980, quando a Marinha criou o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva. Ingressaram, por concurso, jovens formadas por universidades para se tornarem oficiais e com certificados de cursos técnicos para serem praças. Passaram, em seguida, por um período de poucos meses de treinamento militar e, depois, foram trabalhar em várias das organizações

¹ Vice-Almirante Engenheiro Naval (Ref^o), Diretor do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM).

existentes. Foi uma experiência pioneira no Brasil, cuidadosamente conduzida nos seus primeiros anos, mas que obteve, desde o início, excelentes resultados. Logo, a Força Aérea e o Exército seguiram a iniciativa da Marinha, passando também a admitir pessoas do sexo feminino de forma sistemática e permanente.

Ao longo do tempo, as mulheres continuaram produzindo resultados notáveis e preencheram lacunas. O Corpo Auxiliar Feminino foi extinto em 1997 e elas foram integradas a diversos Corpos já existentes, em igualdade de condições e oportunidades com os homens. Elas entraram para o time e participam ativamente das diversas tarefas da Marinha. Vieram para ficar e fazem parte da equipe da Marinha do Brasil.

Foi a importância crescente da tecnologia para a missão das Forças Armadas que abriu espaços para elas, preservando, inclusive, sua feminilidade. O navio de guerra, por exemplo, que até a primeira metade do século XX era considerado como uma plataforma para transportar armamentos, tornou-se um sistema complexo, onde *hardware*, *software* e pessoas da tripulação se integram. A par-

cela operacional desse “sistema-navio”, com elevado índice de automação, continua muito importante, pois são os seres humanos que decidem qual ação executar. Porém, o enorme esforço de logística, na retaguarda “em terra”, cresceu e é cada vez maior, exigindo competência e capacidade tecnológica, para manter tudo funcionando e para contribuir para a preparação permanente do Poder Naval da Nação. Reduziu-se muito a necessidade de recrutar pessoas dotadas principalmente de força bruta e ampliou-se o recrutamento das que são inteligentes, hábeis e bem preparadas

para lidar com as novas tecnologias. Inteligência, habilidade e boa formação técnica não faltam ao sexo feminino, que foi muito bem-vindo.

Existem agora cerca de 5,5 mil mulheres militares na Marinha do Brasil. Elas também comandam Organizações Militares ou são suas vice-diretoras; lideram equipes e gerenciam projetos e construções de navios e de outras obras; chefiam departamentos, divisões e seções, nas diretorias, hospitais e centros tecnológicos; executam tarefas técnicas ou administrativas; viajam para locais distantes, em missões difíceis;



Foi a importância crescente da tecnologia para a missão das Forças Armadas que abriu espaços para elas, preservando, inclusive, sua feminilidade

Inteligência, habilidade e boa formação técnica não faltam ao sexo feminino, que foi muito bem-vindo

e, assim, mostram competência, liderança, capacidade administrativa e coragem. É possível que, em breve, uma delas possa ser promovida a contra-almirante.

A MULHER NA MARINHA DO BRASIL

A motivação inicial da Marinha do Brasil, em 1980, foi a necessidade de aumentar o efetivo do Corpo de Saúde, pois seu novo grande hospital (Hospital Marcílio Dias, no Rio de Janeiro) precisava de pessoal habilitado para poder funcionar. Depois, foi-se ampliando o número de especialistas fora da área da saúde.

A maioria das pessoas que já estavam na Marinha, durante os primeiros anos do Corpo Auxiliar Feminino, se esforçou e foi paciente para superar as eventuais dificuldades que surgiram. O ambiente que se criou na convivência entre os dois sexos foi respeitoso e de boa qualidade.

Uma das dificuldades esperadas, no início, era a difícil aceitação da hierarquia superior feminina por alguns dos homens subalternos. Surpreendentemente, a reação mais frequente foi esforçar-se para evitar qualquer erro que pudesse levar à vergonha de sofrer repreensão de uma mulher. Os poucos problemas que surgiram foram resolvidos com bom senso e habilidade, e a presença delas foi benéfica para a disciplina.

Com o passar dos anos, as mulheres se tornaram experientes e qualificadas para a execução das tarefas que lhes foram confiadas. Atualmente, as oficiais participam do Corpo de Saúde, do Corpo de Engenheiros Navais e do Corpo de Intendentes, onde

podem alcançar o posto de vice-almirante, e do Corpo Técnico, que reúne muitas especialidades diferentes e o maior posto da carreira está limitado ao de capitão de mar e guerra. As praças participam dos diversos quadros existentes, inclusive como artífices, trabalhando nas Bases Navais e Arsenais, e podem ascender até a graduação de suboficial. Há, também, lugar para elas na banda de música do Corpo de Fuzileiros Navais, como músicos profissionais.

Na Marinha do Brasil, as oficiais não participam do Corpo da Armada e do Corpo de Fuzileiros Navais. As mulheres também não embarcam em submarinos e navios

que não lhes garantam certa privacidade. Porém, elas contribuem significativamente na execução das tarefas que são necessárias para que se aplique o Poder Naval do País – e, como a Marinha do Brasil já está em expansão, para poder desempenhar todas as missões previstas

em tempos de paz, haverá, no futuro, ainda mais funções e cargos para serem exercidos por mulheres.

Essa expansão da Marinha brasileira é necessária. O País possui mais de 7,4 mil quilômetros de litoral marítimo e enormes vias navegáveis, como os rios Amazonas, Paraná, Paraguai e muitos de seus afluentes. O comércio exterior é principalmente realizado por transporte marítimo; a maior parte do petróleo é extraída do fundo do mar; existe uma região de águas jurisdicionais, de mais de 4,4 milhões de km², que inclui águas territoriais, Zona Econômica Exclusiva e plataforma continental, a ser defendida; e cabe ao Brasil prestar socorro marítimo a uma área muito grande,

Atualmente, as oficiais participam do Corpo de Saúde, do Corpo de Engenheiros Navais e do Corpo de Intendentes, onde podem alcançar o posto de vice-almirante

no Oceano Atlântico. O mar sempre foi muito importante, foi a via de descobrimento, de colonização, de invasões, de consolidação da independência e, também, de agressões, inclusive as ocorridas nas guerras mundiais do século XX.

A MULHER MILITAR NO MUNDO

Muitos países empregam mulheres em suas Forças Armadas. Há, no entanto, na maioria deles, restrições quanto à amplitude da atuação que lhes é permitida, principalmente excluindo-as de situações de combate e ambientes confinados, sem possibilidade de privacidade. Consultando pela *internet* “*Women in the Military*”, verifica-se que existe muita controvérsia sobre esse assunto, com bons e maus argumentos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os soviéticos tiveram aproximadamente 800 mil mulheres em serviço, das quais mais de 500 mil atuaram em frente de combate². Mesmo em países que as excluíam de situações de combate, como, até recentemente, os Estados Unidos da América, elas se engajaram acidentalmente em combates e receberam condecorações e medalhas importantes³.

Muitos países empregam mulheres em suas Forças Armadas. Há, no entanto, na maioria deles, restrições quanto à amplitude da atuação que lhes é permitida, principalmente excluindo-as de situações de combate e ambientes confinados, sem possibilidade de privacidade

As limitações existentes à atuação feminina, no entanto, não podem ser atribuídas exclusivamente a preconceitos. Existem, de fato, diferenças físicas e, principalmente, de comportamento social entre pessoas de diferentes sexos, possivelmente desenvolvidas ao longo de todo o processo de seleção natural da espécie humana⁴. Essas peculiaridades não devem ser desprezadas, principalmente quando é a defesa

de um país que está em jogo. Alguns dos problemas que poderão surgir talvez resultem de milênios de evolução.

As diferenças físicas e de comportamento social podem trazer vantagens e desvantagens para o desempenho das mulheres militares. O processo de seleção natural estabeleceu diferenças entre homens e mulheres. As físicas são notáveis e, do ponto de vista dos militares, existe, em média, desvantagens

para as mulheres. Elas são menores, com ossos mais fracos, com menor força na parte superior do corpo e menor capacidade aeróbica⁵. Há, porém, mulheres mais fortes e superiores à média dos homens. Não há evidência de que ocorrem diferenças no que concerne à inteligência, que é comum à espécie. Trata-se, portanto, de um problema

² http://en.wikipedia.org/wiki/women_in_the_military.

³ A Sargento Leigh Ann Hester do Exército dos Estados Unidos foi a primeira mulher americana que recebeu a *Silver Star*, terceira maior condecoração dos EUA, por participação direta em combate, no Iraque.

⁴ GEARY, David C. “*Sex differences in social behavior and cognition: Utility of sexual selection for hypotesis generation*”, in “*Hormones and Behavior*”, Elsevier Inc., 2005.

⁵ Center for Military Readiness (USA), *Women in Combat*, www.cmrlink.org/WomenInCombat.

de recrutamento e seleção das pessoas mais adequadas. Quanto às diferenças de comportamento social, elas também foram estimuladas durante o longo processo evolutivo a que foi submetida a espécie humana e, como resultado, desenvolveram-se habilidades diferenciadas entre os dois sexos, em que existem vantagens femininas em alguns dos aspectos e vantagens masculinas em outros⁶.

Em princípio, para os homens, a evolução favoreceu características que trazem vantagens para a competição com outros homens pelo acesso ao sexo feminino, para aumentar suas chances de procriar. O desenvolvimento da habilidade de alcançar e conservar um status social elevado dentro de seu grupo foi muito importante. Isso pode ser favorecido de várias maneiras, inclusive por meio de maior força física, o que fez com que a média dos homens se tornasse mais forte do que a média das mulheres. Observações em grupos humanos que mantêm culturas primitivas e mesmo em grupos de antropóides, como chimpanzés, no entanto, mostram que a maior força física pode ser importante, mas que a capacidade de tomar iniciativas antes dos outros, a inteligência, o status

social da mãe e outros fatores podem ser ainda mais significativos para obter uma liderança.

Os homens tendem a não abandonar seu grupo de origem, com que se identificam totalmente, desenvolvendo fortes laços emocionais, principalmente com a parcela masculina dele, dando ensejo à competição com outros grupos. Isso é comprovado por observações realizadas em tribos humanas culturalmente primitivas e até mesmo em bandos de chimpanzés em ambiente selvagem⁷.

Cabe também à parcela masculina proteger altruisticamente o núcleo feminino do grupo – que é de fato o reprodutor da espécie, cabendo, em essência, ao sexo masculino prover diversidade

de genética –, protegendo-o dos perigos externos. Faz parte dessa proteção evitar que as mulheres sejam raptadas por homens de outros grupos.

Verifica-se que, em geral, não é o comportamento da mulher em combate que deve causar maior preocupação, mas sim o dos homens que estão com ela e se preocupam com ela. Uma mulher ferida pelo inimigo pode causar sentimentos nos homens que podem prejudicar a missão⁸. Uma mu-

Verifica-se que, em geral, não é o comportamento da mulher em combate que deve causar maior preocupação, mas sim o dos homens que estão com ela e se preocupam com ela. Uma mulher ferida pelo inimigo pode causar sentimentos nos homens que podem prejudicar a missão

⁶ GEARY, David C. “Sex differences in social behavior and cognition: Utility of sexual selection for hypothesis generation”, in “Hormones and Behavior”, Elsevier Inc., 2005.

⁷ GOODALL, Jane. *In the Shadow of Man*, William Collins Sons, London, 1971. As observações de Goodall se referem a chimpanzés no ambiente selvagem.

⁸ GROSSMAN, Dave, *On Killing: The Psychological Cost of Learning to Kill in War and Society*, Back Bay Books, 1996.

lher ferida ou acidentada pode concentrar a atenção de seu grupo, que dificilmente a deixaria para trás⁹.

A possibilidade de uma mulher se tornar prisioneira do inimigo também é preocupante. No caso de um grupo aprisionado de soldados, a possibilidade da mulher do grupo sofrer abuso sexual pode ser mais suportável psicologicamente para a própria mulher¹⁰ do que para os homens que a têm como companheira. A tensão psicológica experimentada nesta situação pelos homens, que têm o instinto de protegê-la,

pode se tornar insuportável. Aliás, a possibilidade de abuso de natureza sexual é uma das razões de alguns países não permitirem a participação de suas mulheres em combate¹¹. Essa compulsão masculina para proteger as mulheres do grupo é um fato da maior importância, que não pode deixar de ser considerado na permanente preparação de uma Força Armada para a guerra.

Essa compulsão masculina para proteger as mulheres do grupo é um fato da maior importância, que não pode deixar de ser considerado na permanente preparação de uma Força Armada para a guerra

Por outro lado, pode-se aproveitar o melhor comportamento que os homens, em geral, demonstram na presença do sexo feminino. É provável que homens feridos se comportem melhor na presença de enfermeiras e médicas e que em uma evacuação,

após uma situação psicologicamente muito desfavorável, também a presença feminina seja confortadora para os homens, ou favoreça um comportamento com mais compostura.

Kristof (ref. 12), em seu artigo *A Woman's Place*, no *New York Times*, vê três vantagens da presença de mulheres militares na

frente de combate: as unidades militares necessitam de mulheres para revistar civis do sexo feminino, principalmente no Oriente e mais ainda em países islâmicos; um muçulmano, principalmente no caso de um franco-atirador, hesitaria em alvejar uma mulher, por razões culturais¹²; e elas também transmitem uma imagem mais dissociada de pilhagem e estupro do que os homens.

⁹ KEMP, Melody. *Woman in the Military Service, Femme Fatale*, Isis International, 2007. Reporta, inclusive, que soldados australianos relutam em levar mulheres militares para missões de reconhecimento e operações especiais.

¹⁰ KRISTOF, Nicholas, *A Woman's Place*, *New York Times*, abril 2003. Cita a opinião de uma oficial dos EUA, prisioneira de guerra no Iraque, após a queda do helicóptero que a transportava, em 1991, de que: “na hierarquia das coisas ruins que estavam acontecendo, aquilo (poder ser molestada sexualmente) estava bem em baixo na lista”.

¹¹ Center for Military Readiness/*Women in Combat*, (ref.8). Observa que alguns militares americanos do sexo masculino, quando prisioneiros de guerra, sofreram tortura física, mas não houve registro de abuso sexual pelo inimigo. O próprio site registra o estupro sofrido por americana no Iraque, quando estava inconsciente, verificado em exame médico após sua libertação. Cabe, no entanto, observar que é difícil precisar que homens prisioneiros não foram abusados sexualmente por outros homens, pois acredito que existe a possibilidade de depois omitirem essa informação, por uma questão de honra. Lawrence “da Arábia” em seu livro “Os Sete Pilares da Sabedoria”, teve a coragem de relatar sua experiência na Primeira Guerra Mundial, embora estivesse em uma missão de espionagem e não exatamente na situação de prisioneiro de guerra.

¹² Por outro lado, é também provável que evite se render a uma mulher.

Para as mulheres, prevaleceram o aprimoramento da capacidade de selecionar o companheiro mais adequado, considerando vários aspectos, inclusive no de se tornar um parceiro confiável, ao menos por certo período de tempo, incentivando e ajudando sua própria disposição de investir energia e cuidado na criação de um filho, que, nos humanos, precisa depender da mãe por muitos anos. Foram principalmente as mulheres que se aperfeiçoaram nisso que deixaram descendentes.

Elas, também, tinham maior tendência de migrar para outros grupos, com a vantagem de evitar consanguinidade. Isso ainda ocorre em tribos humanas, podendo resultar do rapto de mulheres por outra tribo. Quando isso ocorria, precisavam logo formar alianças com outras mulheres que inicialmente lhes eram estranhas, para proteção mútua e dos filhos, mas não necessariamente com todas do grupo. Elas, conseqüentemente, desenvolveram habilidades que contribuem para melhor observar, avaliar e se comunicar. Portanto, tendem a interpretar melhor os gestos, expressões faciais e a compreender melhor a linguagem. Tendem a dar mais importância à personalidade das pessoas, às preferências, à sociabilidade e à competência. Capacitaram-se, em geral, melhor do que os homens, para inferir pensamentos,

sentimentos e intenções de outras pessoas (Geary, ref. 5 e 9).

Essas tendências sociais, voltadas para o grupo no caso dos homens e dos indivíduos no das mulheres – que podem ser dissimuladas, ou mesmo modificadas pela complexidade de tudo que é humano –, são

muito relevantes para o ambiente militar com a presença de mulheres. Quando elas se tornam maioria ou têm peso preponderante na administração de uma organização, podem ocorrer procedimentos diferentes dos usuais em ambientes onde há maioria ou liderança masculina, porém, o que pode ocorrer não é necessariamente prejudicial, apenas precisa ser corretamente compreendido. Os atritos dentro da organização, os sucessos e os fracassos são, em geral, imediatamente conhecidos; as qualidades e os defeitos das pessoas, superiores e subordinados, tornam-se mais relevantes; os critérios de aceitação

de indivíduos novos no grupo tendem a ser mais rigorosos, principalmente no caso de pessoas do sexo feminino; e pode existir uma tendência de se formarem internamente subgrupos, unidos por fortes laços de autoproteção, o que exige uma liderança global mais atenta e forte.

Espera-se dos militares que arrisquem a própria vida para cumprir sua missão, mes-

As mulheres entraram para o time e participam ativamente das diversas tarefas, contribuindo para a eficácia desejada. Vieram para ficar e fazem parte da equipe da Marinha do Brasil

★ ★ ★

Seu emprego em operações militares, no entanto, requer cuidado para, ao aproveitar as muitas vantagens de sua participação, evitar problemas que podem ocorrer na interação entre homens e mulheres

mo em certas ocasiões em que as chances de bom êxito são diminutas. Um dos problemas citados na farta bibliografia existente sobre o assunto mulheres militares é a possibilidade de engravidarem propositalmente, para evitar situações em que o risco é muito elevado. É mais simples engravidar do que se mutilar, principalmente amputando dedos e artelhos, como pode ocorrer no caso de homens. O problema, porém, não deixa de ser o mesmo e, portanto, não há por que desmerecer a honra feminina, considerando as mulheres menos corajosas e altruístas do que os homens. Elas, aliás, vêm demonstrando boas qualidades de caráter em situações perigosas.

Cabe, também, observar que a principal missão de Forças Armadas modernas é a dissuasão, ou seja, mostrarem-se permanentemente preparadas para a guerra, a fim de evitar que outros empreguem a força em respaldo de seus próprios interesses conflitantes. A guerra ocorre principalmente quando essa dissuasão militar falha, pois não existe um árbitro internacional¹³ para resolver conflitos de interesse entre países. Forças Armadas modernas são principalmente guardiãs da paz – aquela paz que é a especificamente desejada por seu país, não necessariamente por todos os outros.

CONCLUSÃO – DESAFIOS E PERSPECTIVAS

As diversas considerações anteriores, boas e más, não invalidam o fato de que as mulheres militares já participam internacionalmente de várias Forças Armadas e que a história dos 30 anos de sua existência na

Marinha do Brasil é principalmente de bons resultados. As mulheres entraram para o time e participam ativamente das diversas tarefas, contribuindo para a eficácia desejada. Vieram para ficar e fazem parte da equipe da Marinha do Brasil.

Elas representam um grande potencial de pessoas capazes e disponíveis para serem recrutadas, principalmente quando é necessário expandir o efetivo. Seu emprego em operações militares, no entanto, requer cuidado para, ao aproveitar as muitas vantagens de sua participação, evitar problemas que podem ocorrer na interação entre homens e mulheres.

No Brasil, a presença feminina nas Forças Armadas foi bem conduzida e tudo indica que o futuro é promissor. Quando, provavelmente em breve, uma mulher for promovida a contra-almirante na Marinha, obedecendo a todos os critérios usuais para promoções de oficiais-generais, ela será muito bem-vinda e respeitada.

Segui-se um caminho que não se imaginava, quando tudo começou há 30 anos, e é difícil prever o que acontecerá em seguida. Isso recorda um dos “Cantares” de um poeta sevilhano, Antonio Machado, aqui traduzido do espanhol para o português:

*“Caminhante, são as tuas pegadas
O caminho e nada mais;
Caminhante não há caminho,
Se faz caminho ao andar
Ao andar se faz caminho
e ao voltar a vista atrás
se vê a senda que nunca
se há de voltar a pisar
Caminhante não há caminho
Senão sulcos no mar...”*

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<PESSOAL> Corpo Feminino; Marinha do Brasil; Comportamento;

¹³ Arentz, Hanna.